



APRESENTAÇÃO

Luciane de Paula (UNESP)

Luciano Vidon (UFES)

Em 2020, tivemos um ano muito difícil, quase 200 mil brasileiros e brasileiras mortos em razão da pandemia de Covid-19, que aportou no Brasil a partir de março daquele ano. Infelizmente, adentramos em 2021 com dados mais dramáticos do que os do ano anterior, chegando, no momento da publicação desta edição da revista Polifonia, a mais de 300 mil mortos no Brasil. Em meio a essa tragédia, porém, as ciências não pararam, os pesquisadores não suspenderam suas atividades, mesmo em condições físicas, psíquicas e emocionais bastante adversas e a despeito de um discurso governamental de negação da ciência, e em alguns momentos de inacreditável desrespeito aos cientistas, aos intelectuais, aos professores e ao seu trabalho, chamado, inclusive, de “balbúrdia”, cortando verbas num dos momentos em que o Brasil mais precisa de incentivo e valorização à pesquisa, inclusive e, talvez, principalmente, nas humanidades.

É neste contexto dialógico, dolorido, mas, ao mesmo tempo, de esperança por dias melhores, que apresentamos este número da Polifonia, com temática voltada aos estudos bakhtinianos e áreas afins. Tendo como horizonte sócio-histórico-cultural e ideológico o cronotopo pandêmico de 2020-2021, nossos autores se debruçaram sobre as noções de diálogo e de alteridade em Bakhtin, Volóchinov e Medviédev, configurações de projetos de dizer em anúncios publicitários, análises de cronotopos desses anúncios e de séries de tv e filmes elogiados pela crítica, como *The handmaide's tale* e *Bacurau*. Dialogando, ainda, com os estudos bakhtinianos, encontramos trabalhos de Análise do Discurso, em mais de uma vertente, debruçando-se sobre o discurso nazista, a resposta jurídica dos advogados de Lula à sua acusação em relação ao triplex de Guarujá e as encenações políticas nas redes sociais.

Em “Dialogismo verbivocovisual: uma proposta bakhtiniana”, Luciane de Paula e José Antonio Rodrigues Luciano refletem acerca da noção de diálogo, tal qual Bakhtin o concebe em *Problemas da Poética de Dostoiévski*, em relação com outras obras do mesmo autor, de Volóchinov e de Medviédev. O objetivo foi demonstrar uma compreensão possível acerca da linguagem (dialógica) como o que tem sido denominado pelos autores como tridimensionalidade verbivocovisual, presente de forma potencial em qualquer produção enunciativa e expressa materialmente em algumas configurações arquitetônicas específicas, como jogo que marca as vozes sociais em embate na linguagem.

“Corpos em Alteridade: silêncios e resistência”, de Marco Antonio Villarta-Neder, utiliza o referencial teórico-epistemológico-axiológico do Círculo de Bakhtin para discutir a questão da alteridade, considerada pelo autor como mutuamente constitutiva: a personalidade falante é produto das interações sociais. Tanto sua vivência interior, quanto sua expressão exterior, constituem um “território social”. O objetivo do artigo é discutir e analisar a constituição intersubjetiva e alteritária de corpos na corrente dos enunciados, e os silêncios que participam dessa corrente enunciativa de corpos, na unidade dos acontecimentos concretos e únicos. O *corpus* é constituído por um filme publicitário produzido como campanha de conscientização sobre a pandemia do Coronavírus para a Prefeitura Municipal de Teresina e analisado a partir de uma metodologia dialógica e dialética, por meio do cotejo entre os elementos dos enunciados.

Já “Corpo e(m) projeto de dizer de filme publicitário: configuração enunciativa em perspectiva dialógica”, de Tacicleide Dantas Vieira e Maria da Penha Casado Alves, discute a configuração do projeto de dizer do filme publicitário “Bebê *Johnson’s*”, a partir de seu protagonista: um corpo em cena, como signo ideológico pretensamente alinhado a discursos em favor da inclusão e da diversidade. Numa orientação dialético-dialógica, o cotejo com enunciados antecessores protagonizados por “bebê Johnson” presidiu as interpretações construídas, mantendo em foco os mo(vi)mentos históricos e axiológicos que atravessam a voz da marca, oferecida ao consumo especialmente pelo corpo que (a) encena. Uma análise verbivocovisual levou à compreensão de que o projeto de dizer do “Bebê *Johnson’s*” constitui-se no/do incessante embate entre forças centrípetas e centrífugas da vida socioideológica e que o corpo em tela, a um só tempo, reexiste e resiste à tradição, se enuncia e anuncia igual(ado).

Samya Semião Freitas, Pollyanne Bicalho Ribeiro e Fátima Carla Furtado Silva Marques, em “Uma análise cronotópica de dois anúncios publicitários (1987 e 2013) da

marca Valisère”, analisam os aspectos cronotópicos de dois anúncios publicitários, cronologicamente distintos (1987 e 2013), da marca *Valisère*. As autoras mobilizam categorias da teoria bakhtiniana, em diálogo com a teoria dos multiletramentos. Nos anúncios analisados, consideram que é nítida a influência do cronotopo sobre a construção do tornar-se mulher, a partir de temporalidades específicas, culminando em tempo-espço sociais únicos e revelando apreciações valorativas bem distintas acerca da identidade feminina.

Carlos Versiani dos Anjos e Gerizilda Dantas de Souza, em “Análise do cronotopo bakhtiniano na obra *A Invenção do Morel*, de Bioy Casares”, por sua vez, procuram responder como o cronotopo é apresentado na obra de Casares, através das escolhas e percursos trilhados pelo personagem Fugitivo. Elegem, para análise, as tipologias do “cronotopo de encontro” e do “cronotopo de metamorfose”, explicitados nos estudos bakhtinianos. Os autores concluem que o cronotopo se realiza no texto por uma supressão do tempo/espço, ou seja, os personagens escolhem viver sob uma eterna repetição do tempo, sem poder modificar, ou mesmo acompanhar as mudanças à sua volta, representando, assim, o homem moderno em sua face mais frágil e contraditória, com medo do progresso do mundo e das mudanças que não pode controlar.

Em “Um lugar de violência: perspectiva dialógica do corpo em “*The Handmaid’s Tale*”, Luciane de Paula e Rafaela dos Santos Batista apresentam aos leitores uma análise do corpo da mulher-aia na série *The Handmaid’s Tale* (2017), em cotejo com o quadro *Meu Nascimento* (1932), de Frida Kahlo. Sob a ótica bakhtiniana, o objetivo do artigo é compreender como o corpo da mulher é violentado pelo e no regime patriarcal e teocrático da série, contribuindo, desse modo, para se pensar a resistência da mulher. Os resultados revelam o quanto a luta das mulheres por igualdade e respeito é desigual e injusta, dada a diferença de forças (centrípetas e centrífugas) que constituem o jogo de poder de manutenção sistêmica e, por isso mesmo, fundamental se se quer alterar as condições da mulher e das relações sociais e de gênero existentes.

No artigo seguinte, “Quem nasce em Bacurau é o quê? A construção do corpo polifônico pelo coro de vozes nordestinas”, Juan dos Santos Silva e Maria da Penha Casado Alves se propõem a discutir a construção do corpo na obra cinematográfica *Bacurau*, do diretor Kleber Mendonça Filho, a partir do embate entre as personagens Tony Jr. e Lunga. Os autores defendem que, no longa, nenhuma das personagens ocupa o local de protagonismo, antes, o coro das vozes que formam, constrói, conjuntamente e de forma equipotente, os sentidos em torno do vilarejo em que vivem no sertão

pernambucano, delineando, assim, o verdadeiro protagonista da trama: o vilarejo Bacurau. Desse modo, a partir dos estudos de polifonia, categoria estudada por Bakhtin e de outros postulados advindos do Círculo de Bakhtin, evidencia-se os traços que atravessam *Bacurau*, seja na construção do vilarejo como espaço propício para a circulação de vozes equipotentes, seja pelos corpos polifônicos que proferem essas vozes. A busca pelos indícios polifônicos se deu a partir de uma perspectiva qualitativa, pelo método indiciário.

Mayara de Oliveira Nogueira e Mayara de Oliveira Nogueira, em “Situacionalidade dos corpos em narrativas de experiência: emergências e (re)existências”, fundadas na perspectiva interacional e da narrativa, analisam como o corpo é construído em uma situação espontânea e uma institucional específicas: um almoço entre advogados que militam na chamada “Faixa de Gaza” capixaba; e uma narrativa de experiência construída por uma mulher com câncer de mama durante um evento acadêmico. De cunho etnográfico e natureza qualitativa, o estudo observou como corpos desviantes e microrresistências organizam a vida e a experiência cotidiana de acordo com referências macrossociológicas.

Já em “Representações sociodiscursivas do corpo político tranvestigênera em práticas midiáticas digitais brasileiras”, Macelo Rodrigues de Lima e Maria Carmen Aires Gomes analisam, embasados na análise de discurso crítica faircloughiana, as representações sociodiscursivas do corpo/discurso político, a partir da atuação da ativista tranvestigênera Luana Muniz, em práticas midiáticas digitais brasileiras. Os resultados demonstram que as práticas midiáticas escolhem incluir/excluir o corpo e o sujeito transgênera de acordo com os propósitos comunicativos e com os discursos particulares das Instituições às quais estão associadas. Em suma, mesmo com as conquistas adquiridas, o corpo/discurso tranvestigênera é invisibilizado.

No artigo “Vida em discurso: o trabalho de construção identitária individual de pessoa em situação de rua”, João Batista da Costa Junior reflete, fundado na perspectiva crítico-discursiva, a construção identitária individual de pessoas em situação de rua na cidade de Natal/RN, a partir da discussão sobre duas histórias de vida.

Teórico-metodologicamente amparado na filosofia da linguagem bakhtiniana, “Uma análise discursiva do Manny Festo milloriano: a barreira artística-intelectual contra o avanço do establishment”, de Eduardo Vieira Carvalho e Ana Lúcia Furquim Campos-Toscano, apresenta uma análise da crônica intitulada *Many Festo*, de Millor Fernandes.

Os resultados demonstram como a obra milloriana pode ser considerada uma arena, por meio da qual se auscultam vozes opostas e saturadas de valores contrários.

Em “Uma leitura de *Lavoura Arcaica* a partir do Dialogismo”, Jorge Witt Mendonça Junior e Orison Marden Bandeira de Melo Junior partem do entendimento de Bakhtin sobre o gênero romanesco para analisar *Lavoura Arcaica* no diálogo com a cultura. Os resultados revelam a presença de construções híbridas na materialidade do texto, bem como a ocorrência de diferentes vozes e valores sociais nessas construções.

Francisco Cleyton de Oliveira Paes e Pollyanne Bicalho Ribeiro, no artigo “Dialogismo e multiletramentos: uma experiência com a reescrita do gênero discursivo resenha de filme”, demonstram como a reescrita auxiliou na apropriação do gênero discursivo resenha em uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental. Fundados no sociointeracionismo discursivo, utilizaram o método da sequência didática para refletir, a partir de uma intervenção realizada, a eficácia da reescrita no processo de autoavaliação.

“A ocorrência de formas verbais imperfectivas de passado no microdomínio funcional da habitualidade: uma análise a partir dos princípios de marcação e de expressividade retórica”, de Valdecy Oliveira Pontes e Juliana Liberato Nobre, analisa o uso das formas verbais imperfectivas de passado no espanhol oral de Granada, na codificação da função habitual, com base nos pressupostos teóricos dos estudos sobre o funcionalismo, no que tange aos princípios de marcação e de expressividade retórica.

No artigo “Discurso e propaganda: a construção da raça ariana em pôster nazista”, Luciano Taveira de Azevedo, Nadia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo analisam um pôster da propaganda nazista que foi publicado durante o Terceiro Reich, sob orientação do Ministério da Propaganda liderado por Joseph Goebbels. Os autores mobilizam dispositivos teóricos da Análise de Discurso de linha francesa para empreender um gesto de interpretação que permitisse entender como a materialidade discursiva em estudo produz sentidos em suas redes de memória. A análise permitiu aos autores visualizar aspectos da propaganda nazista ainda não considerados quando se trata da sua eficácia na construção da opinião pública.

“Observando a paisagem linguística escolar”, de Cíntia Daniele Oliveira Nascimento e Marília Varella Bezerra Faria, tem o objetivo de refletir sobre a construção identitária de uma escola, a partir da análise da diversidade linguística presente nesse espaço. As escolas apresentam diversos cronotopos – tempos e espaços – que se modificam a partir das relações sociais neles estabelecidas. Para as autoras, ao observar esses espaços, é possível perceber uma grande quantidade de enunciados, fundamentais

para uma comunicação bem sucedida entre os indivíduos. A presença de imagens, de narrativas figuradas é uma das maiores características das sociedades contemporâneas. Nesse sentido, este estudo se ancora nos estudos de paisagem linguística que têm como objetivo compreender as marcas linguísticas que estão dispostas nos espaços públicos; na concepção dialógica e filosófica de linguagem, compreendendo-a como prática discursiva sócio-historicamente situada; e estabelece uma interconexão com os estudos culturais, considerando que a cultura constrói valores e diferenças, em função de suas condições de produção. A pesquisa se insere no campo da Linguística Aplicada, área híbrida/mestiça, marcada pela interdisciplinaridade. Assim, por meio deste estudo preliminar, qualitativo, de natureza interpretativista, depreende-se que a riqueza dos discursos presentes na escola contribui para a construção de múltiplas identidades.

Luis Henrique Boaventura, em “Contratos (i)mediados: encenação e polarização política nas redes sociais”, analisa a encenação do ato de linguagem no Twitter em torno do nome do atual Presidente da República, Jair Bolsonaro, nos dias que antecederam o segundo turno das eleições presidenciais de 2018. A questão norteadora se encontra no pressuposto de que o enunciador não reconhece no ocupante do polo oposto do debate um parceiro de fala legítimo; ao invés disso, atribui a ele uma função de antagonista em sua encenação e dirige o ato de linguagem a um ocupante do seu polo da polarização com o objetivo de fortalecer sua posição identitária. O marco teórico se situa sobre a Teoria Semiolinguística em Patrick Charaudeau (2010), a Teoria dos Fundamentos Morais em Jonathan Haidt (2012) e a Comunicação Ubíqua em Lucia Santaella (2010, 2013). A pesquisa é exploratória e bibliográfica mediante um estudo de caso sobre discursos que circulam na rede social Twitter. O corpus é composto por tweets de ambos os lados do espectro político em torno do nome “Jair Bolsonaro” às vésperas das eleições presidenciais de 2018. Como resultado de análise, conclui-se que a polarização política é amplificada pela comunicação ubíqua e que os lados opostos do debate operam uma encenação discursiva que não prioriza a busca pela verdade, mas sua preservação identitária, o que os previne de acolher perspectivas que vão de encontro a suas crenças preestabelecidas.

No artigo “Vacac profanas: alteridade e valoração com e pelo corpo feminino no carnaval do Recife”, Alixandra Guedes Rodrigues de Medeiros e Oliveira, calcada nos estudos bakhtinianos, analisa quatro títulos de notícias jornalísticas de 2020, acerca do carnaval do Recife, voltadas ao bloco “Vacac Profanas” para verificar a pluralidade de vozes e valores sociais sobre a mulher circulam nas mídias, como forma de resistência.

Isabel Cristina Michelin de Azevedo, em “O corpo no fotojornalismo: o entrecruzamento de valores axiológicos na construção da informação”, pelo viés bakhtiniano, analisa uma produção fotojornalística submetida ao *World Press Photo of the Year*, na edição de 2019, com o intuito de confrontar estéticas e valores combinados na representação do corpo feminino. Segundo a autora, os resultados indicam que “a enunciação de imagens na atualidade ecoa perspectivas assumidas pelo fotojornalismo desde o século XIX e ressoa posições por meio das quais o profissional assume certa responsabilidade frente às crises sociais em curso”.

No artigo “O canto da Sueli: análise de um discurso dissidente em luta antimanicomial”, Marildo de Oliveira Lopes e Everaldo dos Santos Mendes investigam a maneira como a dissidência é materializada num canto produzido por Sueli Rezende, paciente do Hospital Colônia de Barbacena (MG), embasados no sociointeracionismo discursivo. De acordo com os autores, mesmo em meio à opressão, a resistência vibra como condição essencial, tanto de sobrevivência quanto de mudança social.

Urbano Cavalcante Filho, em “Dialogia e comparação em embate e complementação: anotações metodológicas para uma análise do discurso da divulgação científica”, propõe uma discussão teórica acerca do lugar de pertencimento e da relevância que a dialogia e a comparação apresentam para o campo da análise dialógica e comparativa de discursos da divulgação científica (DC).

“Ponto de vista e responsabilidade enunciativa na Resposta à acusação de Lula”, de Célia Maria de Medeiros e Marília Varela Soares de Góis, procura descrever, analisar e interpretar a responsabilidade enunciativa e a visada argumentativa na Resposta à acusação produzida pelos advogados do ex-presidente Lula a partir da identificação dos pontos de vista revelados pelas instâncias enunciativas presentes no texto. A ancoragem teórica situa-se na abordagem da Análise Textual dos Discursos (ATD), enfoque desenvolvido por Adam (2011), objetivando analisar a produção co(n)textual de sentido, fundamentada na análise de textos concretos. No que se refere ao ponto de vista e à responsabilidade enunciativa, acompanhou-se os estudos de Rabatel (2016) e Guentchéva (1994, 2011). Os dados apontam para a predominância de ponto de vista assertado, evocando, assim, assunção da responsabilidade enunciativa pelo locutor enunciador primeiro (L1/E1). No que concerne ao não engajamento pelo dito, observou-se o quadro de mediatividade nas ocasiões em que L1/E1 apresentava ensinamentos do legislador, visando, assim, legitimar sua tese de defesa, conferindo-lhe credibilidade. Por fim, as estratégias linguísticas utilizadas por L1/E1 sugerem que o leitor da peça jurídica

analisada (a Resposta à acusação) não se trata do juiz de direito, e, sim, do eleitor brasileiro.

O último artigo, “A escrita acadêmica endereçada: reflexões sobre a presença do leitor no dizer do pesquisador”, de Katia Cilene Ferreira França, reflete sobre a relação dialógica entre o sujeito e seus interlocutores, impressa na escrita acadêmica. Partindo do pressuposto de que todo enunciado é produzido levando em conta a compreensão responsiva do sujeito sobre a situação enunciativa e sobre seus destinatários, a autora delimitou como objetivo do artigo desvelar as negociações de sentido entre o pesquisador e seus interlocutores na escrita acadêmica de pesquisadores em formação. Os objetos de análise são duas teses de doutorado, que tratam sobre o ensino da produção de texto na sala de aula, coletadas no Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). O caminho metodológico seguido consistiu em observar, nessas teses, as negociações que mostram a escrita endereçada a leitores, enquanto representantes de grupos sociais, com os quais o pesquisador interage na produção de sua investigação científica. As análises permitiram verificar diferentes níveis de alteridade e como o sujeito responde a interlocutores de diferentes esferas comunicativas.

Esse número vem à público como um alento diante desse período caótico e absurdo, tanto do ponto de vista da pandemia quanto do quadro negacionista político e ainda porque esta produção nos coloca como sujeitos de e nos mostra nosso lugar de resistência (re)existente. Boas leituras.